



PANDEMIA FAVORECE OS MAIS RICOS

Frei Betto, OP

O Brasil, terra dos paradoxos, regrediu quanto às condições econômicas da população durante a pandemia e, no entanto, aumentou o número de bilionários. O empresariado industrial cede lugar à burguesia financeira. O dinheiro se desloca da propriedade imóvel (agropecuária e industrial) para a propriedade móvel (ativos financeiros).

Segundo Oded Grajew, da Oxfam Brasil, aqui os 5% mais ricos concentram em mãos 95% da renda nacional, e 10% possuem 74% das riquezas.

A revista Forbes, que pesquisa os mais ricos no mundo, informa que, no Brasil, dobrou o número de pessoas que tiveram aumentada suas fortunas em pelo menos 1 bilhão de dólares (R\$ 5 bilhões). O elenco passou de 31, em 2016, para 65, em 2021. Assim, no país a participação dos ricos no total de bilionários do mundo saltou de 1,7% (2016) para 2,4% em 2021.

Já a economia brasileira caminha em sentido inverso. Regrediu do 9º para o 12º lugar no ranking dos maiores PIB do mundo. Se comparada com a evolução da riqueza global, a participação do Brasil foi reduzida em 33,3%, pois deixou de representar 2,4% do PIB mundial (posição em 2016) para assumir, em 2020, o exíguo perfil de apenas 1,6%.

Caiu também o PIB por habitante. Na lista de 195 países, o Brasil passou da 76ª posição, em 2014, para a 85ª posição em 2020, segundo dados do FMI. Nosso PIB retrocedeu 3,8% entre os governos Temer e Bolsonaro.

De acordo com dados do IBGE (novembro de 2020), no Brasil mais de 50 milhões de pessoas se encontram na pobreza (renda per capita mensal de, no máximo, R\$ 499), e 13 milhões, na extrema pobreza (renda mensal não ultrapassa R\$ 178).

Da população brasileira, 14,4 milhões estão desempregados; 40 milhões sobrevivem de empregos informais; 13,6 milhões vivem em favelas. Passa da metade o número de brasileiros de 25 anos ou mais que não concluíram a educação básica, e 33,1% não terminaram o ensino fundamental. Outro dado preocupante: a cada ano, são assassinados, em nosso país, 44 mil pessoas, a maioria negros e pobres. Somos a sétima nação mais desigual do mundo.

Dados Globais

Entre 2016 e 2020, a economia global cresceu 10,7%, e o número de bilionários, 52,2%. A elevação do PIB da China em 31,3% aumentou a quantidade de seus bilionários em 295%. Segundo o índice Bloomberg, o patrimônio dos donos das 500 maiores fortunas do planeta aumentou quase R\$ 10 trilhões em 2020. A lista é liderada por executivos de empresas de tecnologia e artigos de luxo.

A pandemia favorece os mais ricos. A quarentena doméstica intensificou o uso de tecnologia e as vendas online. As ações do Zoom subiram 450%. E sem poder viajar, os bilionários se dedicaram a adquirir, via ecommerce, produtos sofisticados como joias, relógios e marcas de grife.

O economista Michael Roberts afirma que *um número muito reduzido de pessoas (menos de 0,1%) possui 25% da riqueza mundial*. Apenas 1% do topo das famílias tem 43% da riqueza global, os 10% seguintes, 81%, enquanto os 50% da base somente 1%. Este 1% do topo é integrado por 52 milhões de multimilionários em riqueza líquida (descontadas já as dívidas). Dentro desse 1%, há 175 mil pessoas super ricas, que abocanham mais de 50 bilhões de dólares em riqueza líquida. Esta informação vem do [relatório de 2020 produzido pelo Credit Suisse Global Wealth](#), que acaba de ser divulgado.



O relatório continua sendo a análise mais abrangente e explicativa da riqueza global (não confundir com a renda), assim como da desigualdade da riqueza pessoal no mundo. Todos os anos esse relatório analisa a riqueza - composta pelos ativos financeiros (ações, obrigações, dinheiro, fundos de pensões etc.) e propriedades (casas, fazendas etc.) - de 5,2 bilhões de pessoas em todo o mundo, descontadas já as dívidas.

De acordo com o relatório de 2020, a riqueza familiar total global aumentou US\$ 36,3 trilhões em 2019. Mas a pandemia cortou esse aumento de 2019 quase pela metade (US\$ 17,5 trilhões), entre janeiro e março de 2020. No entanto, os mercados de ações e os preços das propriedades se recuperaram rapidamente, graças às injeções de crédito dos governos e dos bancos centrais.

Na queda da riqueza global, a região mais afetada foi a América Latina, onde as desvalorizações cambiais reforçaram as reduções do PIB em dólares, resultando na perda de 12,8% na riqueza total em dólares. A pandemia também estagnou o crescimento esperado nos EUA e causou perdas em todas as outras regiões, exceto China e Índia. Entre as principais economias globais, o Reino Unido testemunhou a maior erosão relativa da riqueza.

No final de 2019, os EUA e a Europa – que reúnem apenas 17% da população mundial adulta - concentravam 55% da riqueza global total. As diferenças de riqueza dentro dos países são ainda mais pronunciadas. No mesmo período, os milionários de todos os países do mundo – que somam 1% da população adulta – tinham em mãos 43,4% do patrimônio líquido global. E em dois anos, ou seja, início de 2021, estima-se que cada uma do total de 175.690 pessoas possui um patrimônio líquido superior a 50 bilhões de dólares

Em suma, o que o relatório mostra é que bilhões de pessoas não têm riqueza líquida nenhuma, e a distribuição da riqueza pessoal global reflete um mundo em que alguns gigantes, como Gulliver, olham para baixo e contemplam uma imensa massa de liliputianos...

Segundo Thomas Piketty, se houvesse um imposto mundial de 2% sobre fortunas acima de 10 milhões de euros, isso renderia dez vezes mais: 1 trilhão de euros por ano, ou 1% do PIB global, que poderia ser distribuído a cada país proporcionalmente à sua população. Se for de 2 milhões de euros, o PIB mundial cresceria 2%, ou mesmo 5% com uma escala altamente progressiva para os bilionários. Mais do que suficiente para substituir toda a ajuda oficial internacional atual, que representa menos de 0,2% do PIB global (e apenas 0,03% para a ajuda humanitária de emergência).

Uma medida urgente seria implementar a renda básica universal. Se dividirmos o PIB Mundial (calculado em cerca de 84 trilhões de dólares) pelos 7,2 bilhões de seres humanos, chegaremos ao valor per capita de US\$ 11.667,00, ou seja, cada um disporia, por ano, de R\$ 60 mil ou R\$ 5 mil por mês.

Essa radiografia contraria quem acredita que a humanidade sairá melhor dessa pandemia. Quando o Titanic começou a afundar, os mais ricos não se preocuparam com o próximo. Correram para os botes de salvação, sem se importar com quem não teve o mesmo privilégio. Portanto, coloca-se como desafio urgente trabalhar pela cultura do cuidado e da solidariedade. Precisamos, urgente, de seis conquistas básicas: educação, saúde e acesso digital para todos, energia limpa, uso sustentável da Terra e cidades sustentáveis.